

## Escala de Consciência de Si Próprio: Adaptação Portuguesa

Félix Neto \*

É apresentada a adaptação portuguesa da escala americana Self-Consciousness Scale (SCS) construída por Fenigstein, Scheier e Buss (1975). A SCS foi traduzida para português e foram examinadas as suas propriedades psicométricas. As normas e os coeficientes de fidedignidade (teste-reteste) apresentadas são coerentes com investigações anteriores. Também os resultados de uma análise factorial pondo em evidência os três factores — Ansiedade Social, Consciência Privada e Pública de Si Próprio — são coerentes com essas investigações.

O objectivo do presente estudo é avaliar as características psicométricas de uma versão portuguesa da Escala de Consciência de Si Próprio (Self-Consciousness Scale — SCS) elaborada por Fenigstein *et al.* (1975). Antes de apresentarmos a metodologia e os resultados obtidos situaremos o contexto teórico em que a escala emerge.

### Contexto Teórico

Os fenómenos da consciência de si próprio tomam hoje em dia um lugar de destaque em diversos domínios da psicologia fundamental e aplicada. Se, por exemplo, a problemática da consciência de si próprio foi central para a fenomenologia (Sartre, 1943), só recentemente os processos de atenção que o ser humano tem sobre ele próprio foram objecto de trabalhos experimentais. Em particular Duval e Wicklund (1972) e Wicklund (1975) formularam uma teoria da consciência do próprio-como-objecto que dá conta da influência de factores externos e internos sobre a percepção e a auto-avaliação de si próprio, recorrendo às teorias da atribuição e da dissonância cognitiva.

### *Manipulação da consciência de si próprio*

Wicklund (1975) propôs que o comportamento subsequente é diferente se uma pessoa está focada no meio ou em si própria. Esta teoria da consciência de si próprio (self-awareness) pressupõe que quando as pessoas estão focadas no meio, as suas respostas tendem a ser determinadas situacionalmente, mas quando estão auto-focadas, as respostas serão provavelmente consistentes com padrões internos. Mais precisamente os principais processos propostos por esta teoria são que a consciência de si próprio produz auto-avaliação relativamente a algum padrão de aptidão, de performance ou de outro atributo; esta auto-avaliação revela uma discrepância entre o seu comportamento ou condição corrente e os seus padrões ou objectivos. A resposta dominante a esta discrepância é a fuga: deixando a situação imediata ou dirigindo a atenção para outro lado. Caso tal fuga não seja possível, tenta-se reduzir a discrepância, quase sempre pela mudança do seu comportamento.

Para testar esta teoria da consciência de si próprio os investigadores utilizaram um procedimento que consiste em induzir a atenção para o meio ou fazer com que o indivíduo esteja auto-focado mediante alguma manipulação no laboratório. Entre estas técnicas são utilizadas um espelho, uma câmara de vídeo ou a gravação da própria voz...

(\*) Professor Auxiliar da Faculdade de Psicologia e de Ciências de Educação da Universidade do Porto. Este trabalho insere-se no projecto K do Centro de Psicologia da Universidade do Porto (INIC).

Os efeitos dos indutores de consciência de si próprio já foram objecto de um número considerável de estudos experimentais nos últimos quinze anos.

Por exemplo, Duval, Wicklund e Fine (1972) mostram como a auto-focagem leva a um comportamento de fuga. A uma parte dos sujeitos foi-lhes comunicado que eram criativos e inteligentes, enquanto que aos outros foi-lhes dito o contrário. Após a informação dos resultados do teste, pediu-se aos sujeitos para esperarem por outro experimentador numa sala vizinha para participarem numa experiência sobre os processos perceptivos. O primeiro experimentador conduzia-os a essa sala, mas o seu colega não estava lá. Os sujeitos eram então convidados a esperarem cinco minutos. Metade dos sujeitos esperavam em frente de um espelho e com uma câmara de vídeo virada para eles, enquanto que os outros sujeitos esperavam sem os indutores da consciência de si próprios. Os sujeitos a quem tinha sido dada a informação que tinham tido resultados baixos no teste e que estavam auto-focados deixaram o laboratório mais depressa que os sujeitos que ou acreditavam que tinham tido bons resultados no teste ou que não estavam auto-focados. Este comportamento foi interpretado como mostrando que os baixos resultados eram contraditórios com os padrões próprios e que o desconforto era mais intenso para os sujeitos que não tendo oportunidade de agir em vista a reduzir a contradição entre a performance e os padrões internos, escolheram fugir da situação.

Gibbons (1978) demonstrou a existência de um efeito semelhante mediante a manipulação da consciência de si próprio com um espelho. Estudantes universitários preencheram um teste para avaliarem a culpabilidade sexual, onde estavam incluídas questões sobre as suas atitudes em relação à pornografia. Semanas mais tarde, os sujeitos leram passagens pornográficas de uma novela e notaram a leitura em várias escalas, incluindo como tal era agradável. Os sujeitos que leram a passagem

e a avaliaram diante de um espelho mostraram maior consistência entre as atitudes previamente testadas em relação à pornografia e as avaliações da leitura que os que não estavam diante do espelho.

A presença de um espelho focaria a atenção dos indivíduos num padrão interno quanto ao comportamento moralmente apropriado. Assim os estudantes copiarão menos um exame se se suscitar neles a consciência de si próprio (Diener e Walbom, 1976), as crianças violarão menos a ordem dada por um adulto (Beaman, Klentz, Diener e Svanum, 1979), os adultos sentir-se-ão mais implicados e prontos a ajudarem uma vítima (Duval, Duval e Neely 1979).

Os padrões internos provêm das outras pessoas e relacionam-se com a moralidade e a realização. Uma pessoa que está consciente de si própria pode também tornar-se mais consciente dos padrões das outras pessoas. Estudos mostram que os sujeitos auto-focados são mais capazes de tomarem a perspectiva dos outros (Stephenson e Wicklund, 1983). Os sujeitos são menos susceptíveis de manifestarem um viés egocêntrico na atribuição da responsabilidade pelo sucesso deles próprios ou dos outros e mais capazes de avaliarem o gosto das outras pessoas em relação a alimentos quando estão auto-focados.

Mas não foi só o facto de se considerar a consciência de si próprio como uma variável manipulada através de vários indutores que contribuiu para o aumento do interesse por este domínio da investigação nos últimos anos. A consciência de si próprio, para além de poder ser induzida por agentes situacionais, é objecto de diferenças de certo modo estáveis entre os indivíduos. «A existência da atenção dirigida para si próprio resulta de variáveis situacionais efêmeras, de disposições crónicas, ou de ambas». Fenigstein, Scheier e Buss (1975, p. 552) referem-se ao *estado da* consciência de si próprio (self-awareness). Já a tendência consistente da pessoa para prestar atenção ao interior ou ao exterior

refere-se ao *traço* da consciência de si próprio (self-consciousness).

#### *Disposição à consciência de si próprio*

Assim, se se podem pôr em evidência no laboratório determinantes situacionais do estado de consciência de si próprio, também se reconhece que existe um continuum de diferenças entre os indivíduos relativamente à disposição à consciência de si próprios. Pode-se deste modo tentar explicar a emergência das disposições pelo efeito das situações (Rimé e Le Bon, 1984). Tal deixa entrever o interesse teórico do conceito da consciência de si próprio a propósito do debate já antigo que opõe a psicologia social e a psicologia da personalidade sobre a explicação dos comportamentos individuais a partir das situações ou das disposições.

Fenigstein, Scheier e Buss (1975) construíram um instrumento para avaliar a consciência de si próprio enquanto traço. Os autores interrogaram-se a eles próprios e aos colegas sobre o conteúdo da consciência de si próprio e constituíram assim os sete aspectos seguintes: 1) preocupação com comportamentos passados, presentes e futuros; 2) sensibilidade aos seus próprios sentimentos e impressões; 3) consciência das suas próprias qualidades e defeitos; 4) comportamento introspectivo; 5) tendência a elaborar uma imagem de si próprio; 6) consciência da sua aparência externa; e 7) preocupação perante a avaliação dos outros. Estes sete aspectos estiveram na origem de 38 itens que foram administrados a mais de 200 estudantes universitários. A análise das respostas dos estudantes mostrou que alguns itens eram ambíguos, outros eram respondidos do mesmo modo por quase todos os sujeitos. Assim certos itens foram mudados, outros afastados e outros acrescentados. Após a análise factorial foram retidos 23 itens que se repartiam por três escalas. O questionário foi então administrado a mais de 2.000 estudantes repartidos por amostras de algumas centenas de sujeitos cada uma. A análise factorial

das sucessivas amostras fez aparecer de modo consistente os mesmos três factores: consciência privada de si próprio, consciência pública de si próprio e ansiedade social.

A consciência privada de si próprio diz respeito à capacidade de prestar atenção aos sentimentos e pensamentos pessoais (exemplo: penso muito sobre mim próprio); a consciência pública de si próprio define-se como uma consciência geral do próprio enquanto objecto social que tem efeito sobre os outros (exemplo: preocupo-me com a maneira como me apresento); finalmente, a ansiedade social define-se pelo mal-estar em presença dos outros (exemplo: sinto-me ansioso quando falo perante um grupo).

A consciência privada e pública de si próprio referem-se a um processo de atenção centrada no próprio, enquanto que a ansiedade social desponta como reacção a este processo.

A estabilidade da estrutura factorial da escala foi confirmada nas adaptações para a língua alemã (Heinemann, 1979), para a língua holandesa (Vleeming e Engelse, 1981) e para a língua francesa (Rimé e Le Bon, 1984). Tal é indicativo das qualidades da escala construída pelos citados autores americanos e da pertinência dos conceitos que tenta abarcar.

Para além da confirmação da estrutura factorial da escala, diversos estudos revelaram a validade do instrumento.

Fenigstein (1979) examinou como é que as pessoas reagem quando são rejeitadas pelos outros. Uma estudante esperava numa sala com outras duas pessoas que eram «comparsas» do experimentador. As pessoas «comparsas» falavam só entre elas e ignoravam o sujeito. Noutra condição, os «comparsas» eram simpáticos e respondiam ao sujeito. Os sujeitos eram informados que na experimentação principal estariam num grupo de três e poderiam escolher ficar com as duas pessoas que já tinham encontrado, ou que podiam escolher um novo par de estudantes.

Cerca de cinquenta por cento dos sujeitos que tinham uma consciência pública de si próprios baixa escolheram afiliar-se com um novo par quando tinham sido ignorados. Oitenta e cinco por cento dos sujeitos com uma consciência pública de si próprios alta procuraram novas afiliações quando tinham sido ignorados. Quando os «comparsas» não tinham ignorado os sujeitos, estes escolhiam predominantemente ficar com os companheiros, quer os sujeitos apresentassem alta ou baixa consciência pública de si próprios.

Resultados elevados na dimensão consciência pública de si próprio estão pois ligados a uma sensibilidade à rejeição de um grupo.

Outros investigadores (Solomon e Schopler, 1982) encontraram uma correlação positiva entre os resultados da consciência pública de si próprio e uma escala que media o interesse dos sujeitos pelo vestuário. A relação entre a consciência pública de si próprio e o interesse pelo vestuário era mais forte nos homens que nas mulheres. Uma explicação para esta diferença por sexo é que quase todas as mulheres estão interessadas pela moda e vestuário, enquanto que somente os homens que se preocupam com a sua auto-apresentação mantêm tal interesse.

Encontrou-se também que pessoas com elevada consciência pública de si próprios eram capazes de prever melhor as reacções que suscitarão dos outros (Tobey e Tunnel, 1981), mais conformistas às pressões sociais (Frommin e Carver, 1981) e mais sociáveis (Ckeek e Buss, 1981) que aquelas com baixa consciência pública de si próprias.

Por outro lado, Turner (1978) e Franzoi (1983) encontraram que os sujeitos com resultados altos na consciência privada de si próprios assinavam mais adjectivos para se descreverem do que faziam os que obtinham resultados baixos, tais resultados sugerindo que os primeiros dispõem de mais informação sobre si mesmos. Em relação com a veracidade das auto-descrições, Scheier, Buss e Buss

(1978) encontraram uma correlação entre as auto-avaliações da agressividade e o comportamento agressivo maior nos sujeitos com valores altos na consciência privada de si próprio do que naqueles com valores baixos.

As pessoas com um traço elevado de consciência privada de si próprias mostram maior consistência entre atitudes e comportamento (Scheier, 1980), têm um gosto discriminativo mais agudo (Scheier e Carver, 1977), manifestam mais a tendência para partilhar informações pessoais e íntimas com os colegas (Franzoi e Davis, 1985).

Com base nestes estudos pode-se concluir que altos níveis da consciência privada de si próprio estão associados com um conhecimento dos seus estados internos melhor, mais pormenorizado e preciso.

Além disso observa-se que as três dimensões da escala estão relativamente independentes do quociente intelectual, das auto-avaliações da necessidade de realização, da ansiedade de performance e da impulsividade (Carver e Glass, 1976).

Situado o contexto teórico em que emergiu a Escala da Consciência de Si Próprio, apresentaremos seguidamente a adaptação portuguesa da escala.

### Metodologia

Efectuou-se a tradução portuguesa da escala original americana — Self-Consciousness Scale (SCS). Os vinte e três itens são avaliados numa escala de escolha múltipla com cinco alternativas: «falso», «mais ou menos falso», «não sei», «mais ou menos verdadeiro» e «verdadeiro».

Os enunciados repartem-se na versão original em três sub-escalas do modo seguinte: consciência privada de si próprio (1, 3, 5, 7, 9, 13, 15, 18, 20, 22), consciência pública de si próprio (2, 6, 11, 14, 17, 19, 21); ansiedade social (4, 8, 10, 12, 16, 23). De notar que os enunciados 3, 9 e 12 são formulados de modo negativo e a sua cota de avaliação deve ser invertida. O escore total da escala varia pois entre 0 e 92;

o da sub-escala consciência privada de si próprio entre 0 e 40; o da sub-escala consciência pública de si próprio varia de 0 a 28; enfim, a ansiedade social pode tomar valores entre 0 e 24.

A ordem de apresentação dos itens da versão portuguesa foi a mesma da utilizada na versão americana.

A ordem de apresentação dos itens administrada a uma amostra de 354 estudantes dos três primeiros anos, que frequentavam a Universidade do Porto em 1985 (cursos de Psicologia, Economia, Engenharia, Biomédicas). 65,3% são do sexo feminino e 34,7% do sexo masculino. A idade média é de 20,8 anos (D.P.=3,42). Duas semanas depois

renças significativas entre os sexos ( $F(1,353)=0,927$ ,  $p=0,336$ ), o mesmo não acontece com as outras sub-escalas. A consciência pública de si próprio é maior no sexo feminino que no masculino ( $F(1,353)=6,510$ ,  $p=0,011$ ). A ansiedade social é igualmente maior no sexo feminino que no masculino ( $F(1,353)=10,709$ ,  $p=0,001$ ). Estes resultados não vão no sentido dos encontrados noutras culturas. Assim na amostra americana (Fenigstein, Scheier e Buss, 1975), alemã (Heinemann, 1979), holandesa (Vleeming e Engelese, 1981) e belga (Rimé e Le Bon, 1984) as diferenças entre sexos para as três sub-escalas são praticamente inexistentes.

Quadro I — Médias (desvios-padrões) para Senhoras e Homens nas amostras Americana, Alemã, Holandesa, Belga e Portuguesa

	AMOSTRA AMERICANA		AMOSTRA ALEMÃ		AMOSTRA HOLANDESA		AMOSTRA BELGA		AMOSTRA PORTUGUESA	
	Sen. (n=253)	Hom. (n=179)	Sen. (n=152)	Hom. (n=165)	Sen. (n=89)	Hom. (n=23)	Sen. (n=100)	Hom. (n=48)	Sen. (n=231)	Hom. (n=123)
Consciência Privada de Si Próprio	26,6 (5,1)	25,9 (5,0)	24,7 (6,1)	24,5 (5,7)	20,3 (6,2)	22,6 (5,9)	20,3 (4,8)	20,0 (4,7)	28,1 (6,1)	27,5 (6,6)
Consciência Pública de Si Próprio	19,3 (4,0)	18,9 (4,0)	15,9 (4,2)	15,3 (4,0)	15,0 (4,9)	14,4 (4,1)	13,1 (5,0)	13,1 (5,4)	20,2 (4,7)	18,8 (5,1)
Ansiedade Social	12,8 (4,5)	12,5 (4,1)	12,5 (5,2)	11,6 (4,8)	11,3 (6,1)	9,8 (4,8)	10,7 (5,0)	8,2 (5,0)	14,2 (5,6)	12,2 (5,6)

desta primeira colecta de dados 81 sujeitos daquela amostra original foram convidados a preencher de novo o questionário SCS.

### Resultados e discussão

As médias e os desvios-padrões obtidos pelos sujeitos femininos e masculinos para as três sub-escalas propostas pelos autores da versão americana foram calculados a partir do material recolhido na primeira administração da prova à amostra (Quadro I). Utilizou-se para o efeito o procedimento «one way» do programa SPSS (versão 9). Se para a consciência privada de si próprio não se obtiveram dife-

O facto de não haver diferenças significativas entre as sub-escalas surpreendeu os autores americanos, pois os estereótipos então vigentes nos Estados Unidos sugeriam que as senhoras teriam mais consciência de si próprias que os homens, em particular em relação à consciência pública. Dada a tradicional socialização dos papéis sexuais, seria razoável esperar-se que as senhoras tivessem um sentido mais agudo delas próprias como objectos sociais que os homens. Se tais estereótipos parecem ultrapassados nos diversos contextos culturais em que foi aplicada a escala SCS, não parece ser o caso de Portugal, onde as senhoras apresentam uma maior consciência

pública delas próprias que os homens. De realçar também que todas as amostras citadas é na portuguesa onde a ansiedade social é maior. Veremos mais adiante as relações existentes entre a consciência pública de si próprio e a ansiedade social.

A fidedignidade de cada uma das três sub-escalas foi avaliada por um teste-reteste, com duas semanas de intervalo entre as aplicações, junto de 81 sujeitos, como já se disse. Para o conjunto das sub-escalas, os coeficientes de fidedignidade teste-reteste observados são de 0,81 para ansiedade social, 0,78 para a consciência privada de si próprio e de 0,82 para a consciência pública de si próprio. Estes resultados são bastante semelhantes aos encontrados noutras amostras (Quadros II e

nigstein *et al.* (1975) encontraram que ansiedade social está ligada à consciência pública de si próprio, não o estando à consciência privada de si próprio, enquanto que *estas duas* últimas escalas estariam ligadas entre elas. Do mesmo modo foram encontradas intercorrelações positivas nessas mesmas sub-escalas nas amostras alemã, holandesa e belga.

O facto de haver correlações positivas entre a ansiedade social e a consciência pública de si próprio foi visto por Fenigstein *et al.* (1975) como de certa importância teórica. Esses autores estabeleceram a seguinte sequência: primeiro uma pessoa torna-se consciente dela própria como objecto social. Durante esta consciência pública de si próprio pode avaliar-se e ficar apreensivo,

Quadro II — Efectivos e intervalo de tempo entre teste e reteste em diversas amostras

	AMOSTRA AMERICANA	AMOSTRA ALEMÃ	AMOSTRA HOLANDESA	AMOSTRA BELGA	AMOSTRA PORTUGUESA
Efectivos da 1.ª administração	432	317	112	148	354
Efectivos da 2.ª administração	84	81	35	96	81
Intervalo entre as duas administrações	2 semanas	4 semanas	8 semanas	5 meses	2 semanas

Quadro III — Correlações teste-reteste em diversas amostras

	AMOSTRA AMERICANA	AMOSTRA ALEMÃ	AMOSTRA HOLANDESA	AMOSTRA BELGA	AMOSTRA PORTUGUESA
Consciência Pública de Si Próprio	0,84	0,83	0,75	0,78	0,82
Consciência Privada de Si Próprio	0,79	0,77	0,79	0,60	0,78
Ansiedade Social	0,73	0,82	0,81	0,77	0,81

III), mesmo se o intervalo de tempo ocorrido entre as duas administrações vai de duas semanas a cinco meses. A versão da escala consciência de si próprio apresenta pois uma fidedignidade teste-reteste satisfatória.

As sub-escalas da escala americana original não são independentes: em duas amostras diferentes Fe-

podendo ser um antecedente da ansiedade social. De notar, todavia, que a consciência de si próprio não acarreta automaticamente ansiedade social, pois pode-se ter consciência de si próprio sem tal acarretar «ipso facto» mal-estar.

Na versão portuguesa as escalas consciência privada e pública de si pró-

prio estão em relação significativa ( $r=0,39$ ,  $p=0,001$ ). A ansiedade social encontra-se em relação significativa com a consciência pública ( $r=0,15$ ,  $p=0,013$ ) e privada ( $r=0,13$ ,  $p=0,033$ ). De notar que se estas relações eram esperadas no seguimento de estudos anteriores, à excepção da relação significativa entre ansiedade social e consciência privada de si próprio, não são contudo fortes ao ponto de nos levar a fundir as sub-escalas, cuja existência separada parece ser justificada.

mensões na escala consciência de si próprio por meio da análise factorial. Foram essas dimensões que levaram à distinção das três sub-escalas a que vimos fazendo referência. Daí o interesse em verificar até que ponto essa estrutura factorial se encontra na versão portuguesa. As respostas da primeira administração da escala foram submetidas à análise em componentes principais seguida de rotação varimax. Para tal limitou-se a priori a três a extração de factores. Os três factores saí-

Quadro IV — Itens e Saturações Factoriais da Escala de Consciência de Si Próprio

CONSCIENCIA PRIVADA DE SI PRÓPRIO	F 1	F 2	F 3
1		.65	
3 (—)		.34	.38
5		.63	
7 (—)		.35	
9		.43	
13		.47	
15		.64	
18		.50	
20		.50	
22		.31	
CONSCIENCIA PÚBLICA DE SI PRÓPRIO			
2		.46	—
6			.83
11	.33		—
14			.63
17			.62
19	.40	.35	.38
21			.84
ANSIEDADE SOCIAL			
4	.72		
8	.57		
10	.64		
12 (—)	.59		
16	.61		
23	.70		

Procurou-se a «validade factorial» do questionário.

Os autores da versão original americana puseram em evidência três di-

dos desta análise explicam 38,8% da variância total cuja composição pode ser vista no Quadro IV. Os dados mostram que a estrutura factorial é bastante semelhante à encontrada no es-

tudo original. O primeiro factor representa a *ansiedade social*, o segundo a *consciência privada de si próprio* e o terceiro a *consciência pública de si próprio*. Se como a escala americana puderam ser postos em evidência os mesmos três factores, verifica-se no entanto que a ordem é um pouco diferente na medida em que na escala americana a *ansiedade social* é o terceiro factor e na portuguesa é o primeiro factor.

De notar todavia que a versão portuguesa, de modo algo semelhante ao que se verifica noutras versões da escala, não está isenta de problemas. Os itens 2 e 11 não contribuem para a formação do eixo 3 como seria desejável e os itens 3 e 19 contribuem para a formação de mais um eixo.

Concluindo, parece que a versão portuguesa da Escala Consciência de Si Próprio apresenta características satisfatórias de fidedignidade teste-reteste. Os resultados da análise factorial fazem ressaltar a importância relativa da *ansiedade social*, seguida da *consciência privada e pública de si próprio*. Se surgem problemas com alguns itens no seu conjunto a adaptação portuguesa parece ter conservado as características e qualidades essenciais da versão original.

### Résumé

*Echelle de la connaissance de soi:  
Adaptation à la population portugaise*

L'auteur présente l'adaptation portugaise de l'échelle américaine «Self-Consciousness Scale» (SCS) élaborée par Fenigstein, Scheier et Buss (1975). La SCS a été traduite en portugais et ses propriétés psychométriques ont été examinées. Les normes et les coefficients de fidélité (test-retest) trouvés sont cohérents avec des recherches conduites auparavant. Les résultats d'une analyse factorielle mettant en évidence les trois facteurs — Anxiété Sociale, Conscience de Soi Privée et Conscience de Soi Publique — sont aussi cohérents avec ces recherches-là.

### Abstract

*Self-consciousness scale:  
Portuguese population adaptation*

A portuguese adaptation of the american version of Self-Consciousness Scale (SCS) constructed by Fenigstein, Scheier and Buss

(1975) is described. The SCS was translated into Portuguese and its properties were investigated. The norms and reliability coefficients (test-retest) presented are consistent with prior research. Also the results of a factor analysis that yielded three factors — Social Anxiety, Private and Public Self-Consciousness — are consistent with these findings.

### Bibliografia

- Beaman, A., Klentz, B., Diener, E. e Svanum, S. (1979). Self-awareness and transgression in children: two field studies. *Journal of Personality and Social Psychology*, 37, 1835-1846.
- Carver, C. e Glass, D. (1976). The self-consciousness scale: a discriminant validity study. *Journal of Research in Personality*, 10, 169-172.
- Cheek, J. e Buss, A. (1981). Shyness and sociability. *Journal of Personality and Social Psychology*, 41, 330-339.
- Diener, E. e Wallbom, M. (1976). Effets of self-awareness as antinormative behavior. *Journal of Research in Personality*, 10, 107-111.
- Duval, S., Duval, V. e Neely, R. (1979). Self-focus, felt responsibility and helping behavior. *Journal of Personality and Social Psychology*, 37, 1769-1778.
- Duval, S. e Wicklund, R. (1972). *A theory of objective self-awareness*. New York: Academic Press.
- Fenigstein, A. (1979). Self-consciousness, self-attention and social interaction. *Journal of Personality and Social Psychology*, 37, 75-86.
- Fenigstein, A., Scheier, M. e Buss, A. (1975). Public and private self-consciousness: assessment and theory. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 43, 522-527.
- Franzoi, S. (1983). Self-concept differences as a function of private self-consciousness and social anxiety. *Journal of Research in Personality*, 17, 275-287.
- Franzoi, S. e Davis, M. (1985). Adolescent self-disclosure and loneliness: private self-consciousness and parental influences. *Journal of Personality and Social Psychology*, 48, 768-780.
- Froming, W. e Carver, C. (1981). Divergent influence of private and public self-consciousness in a compliance paradigm. *Journal of Research in Personality*, 15, 159-171.
- Gibbons, F. (1978). Sexual standards and reactions to pornography: enhancing behavioral consistency through self-focused attention. *Journal of Personality and Social Psychology*, 36, 976-987.
- Heinemann, W. (1979). The assessment of private and public self-consciousness: a German replication. *European Journal of Social Psychology*, 9, 331-337.
- Rimé, B. e Le Bon C. (1984). Le concept de conscience de soi et ses opérationnalisations. *L'année psychologique*, 84, 535-553.
- Sartre, J. (1943). *L'être et le néant: essai d'ontologie phénoménologique*. Paris: Gallimard.

- Scheier, M. (1980). Effets of public and private self-consciousness on the public expression of personal beliefs. *Journal of Personality and Social Psychology*, 39, 514-521.
- Scheier, M., Buss, A. e Buss, D. (1978). Self-consciousness, self report of aggression and aggression. *Journal of Research in Personality*, 12, 133-140.
- Scheier, M. e Carver, C. (1977). Self-focused attention and the experience of emotion: attraction, repulsion, elation and depression. *Journal of Personality and Social Psychology*, 35, 625-636.
- Solomon, M. e Schopler, J. (1982). Self-consciousness and clothing. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 8, 508-514.
- Stephenson, B. e Wicklund, R. (1983). Self-directed attention and taking the other's

perspective. *Journal of Experimental Social Psychology*, 19, 58-77.

- Tobey, E. e Tunnel, G. (1981). Predicting our impressions on others: effects of public self-consciousness and acting, a self-monitoring subscale. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 7, 661-669.
- Turner, R. (1978). Consistency, self-consciousness and the predictive validity of typical and maximal personality measures. *Journal of Research in Personality*, 12, 117-132.
- Wicklund, D. (1975). Objective self-awareness. In L. Berkowitz (Ed.), *Advances in experimental social psychology* (vol. 8). New York: Academic Press.
- Vleeming, R. e Engelse, J. (1981). Assessment of private and public self-consciousness: a dutch replication. *Journal of Personality Assessment*, 1981, 45, 385-389.